

16/05/2019

**MINAS DE VERSOS,
CAVAS NA TERRA:
A LAVRA POÉTICA DE DRUMMOND**

Ricardo Fernandes Gonçalves

[Doutor em Geografia. Prof. Univ. Est. Goiás. Pesquisador do Grupo PoEMAS -
Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade]

**Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,
Minas não há mais.
José, e agora?**

(José. Carlos Drummond de Andrade)

Os versos e estrofes do poema *José*, publicados em 1942 por Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), metaforizam a caminhada solitária em um mundo desmoronado. A casa, a cidade e um território que não existem mais, transformados pela matéria do tempo.

A impossibilidade de refúgio no passado ou de retorno para o local de origem, berço umbilical da infância.

Ademais, a indagação: *e agora, José?* - imiscuída no texto poético permite refletir a busca infatigável por um novo caminho, um sentido possível para uma existência fraturada. Drummond universalizou *José* para além das determinações do tempo e do espaço em que o poema foi escrito e publicado pela primeira vez, em 1942. *José*, um nome prosaico na língua portuguesa, expressa os dramas, lutas e sonhos de mulheres e homens golpeados pelas mazelas da desigualdade, pobreza e solidão.

Sujeitos insuflados no medo e no flagelo de ditaduras, guerras e ódio. Contudo, mulheres e homens que também fazem versos, amam, se organizam em coletivos de resistências e protestos por um mundo cujo império seja o da justiça e dignidade. Isto posto, chama-se a atenção para os versos: *“quer ir para Minas / Minas não há mais”*. A referência a Minas Gerais na obra de Drummond é constante e, ao proceder assim, o poeta vasculhou as memórias das paisagens e lugares de sua própria terra. Drummond nasceu em 1902 em Itabira, um município mineiro embutido entre as serras do Quadrilátero Ferrífero e confrontado com a mineração de ferro a céu aberto desde o início do século XX.

Território triturado a partir de 1942 pela Companhia Vale do Rio Doce, antiga empresa estatal privatizada em 1997 e denominada Vale desde 2007.

Em pouco mais de três anos dois desastres socioambientais evidenciaram as implicações corrosivas da mineração a céu aberto em Minas Gerais e demais regiões e estados minerados no Brasil.

O rompimento da barragem de Fundão (estrutura de rejeitos de minério de ferro da Samarco/Vale/BHP Billiton) no dia 05/11/2015 em Mariana/MG e da Barragem I (estrutura de rejeitos de minério de ferro da Vale) no dia 05/01/2019 em Brumadinho/MG sublinharam os riscos de uma atividade ainda pouco conhecida pela sociedade brasileira.

Outrossim, uma atividade extrativa em grande escala em um país que não se considera minerado, como se a mineração em seus territórios fosse coisa do passado, de um ciclo esgotado no século XIX. Desse modo, retoma-se a pergunta: *e agora, José?* - repetida várias vezes nos versos e estrofes do poema *José* - visto que ela toca a existência de centenas de trabalhadoras e trabalhadores que testemunharam o peso da lama de rejeitos de minério de ferro que continua entulhada na bacia do rio Doce e do rio Paraopeba. Sujeitos que presenciaram a exaustão de fontes de renda e moradia, perderam o emprego, assistiram a morte de familiares e amigos ou enfrentam a incerteza de um futuro cindido por toneladas de rejeitos. Conquanto, gente que também pode encontrar o prumo da solidariedade entre os trabalhadores, irmanar braços e forças na luta popular contra um modelo de mineração predatório e “necroeconômico”. Afinal, mesmo no fim da festa e na noite fria, luz apagada, sem discurso, sem carinho, sem beber ou fumar, o *José* do poeta ensina que ainda é possível fazer versos, amar, caminhar e protestar.

Carlos Drummond de Andrade - a pessoa física - saíra ainda jovem de Minas rumo ao Rio de Janeiro.

Drummond - a figura literária - radicado no Rio de Janeiro nunca saíra de Minas. Os assombros do trem carregado de ferro, as montanhas pulverizadas, os trabalhadores expostos ao sol, a evasão de minério de “sua Itabira” e de “sua Minas” para o mundo rico acompanharam sua memória, seu modo de ver o mundo e especialmente urdir sua literatura. Em suma, o poeta mineiro se tornou também um poeta das minas, aspecto sublinhado nos versos e estrofes de poemas como *A montanha pulverizada*, *Os bens e o sangue*, *Canto mineral*, *O maior trem do mundo* e *Lira Itabirana*. O seu tom crítico e sensível, ora nostálgico e rebelde, faz de sua poética de lavra mineira um conteúdo de leitura deste importante campo econômico, a mineração, que na história do Brasil logrou-se como uma estratégia de pilhagem territorial e efetivou esse país fraturado. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.